

REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES DE SOCIOLOGIA DO AMAPÁ SOBRE REALIDADES SOCIOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS¹

REPRESENTATIONS OF SOCIOLOGY TEACHERS IN AMAPÁ ABOUT CONTEMPORARY SOCIOLOGICAL REALITIES

Andressa Letícia Santos Gomes²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3009-5630>

Evelin Regina Santos da Encarnação³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3060-001X>

Kelly Lopes dos Santos⁴

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9651-5032>

Nayla Camilly Castro Dias⁵

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4283-4089>

Thamirys Martins Vilhena⁶

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4263-3654>

Victoria Taissa dos Santos de Azevedo⁷

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3817-3830>

¹ Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá e financiada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação do Ministério da Educação.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Sociologia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: andressasantoslte@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Sociologia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: evelinsantos6790@gmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de Licenciatura em Sociologia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: kelly.scada@gmail.com.

⁵ Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciências Sociais e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: naylacamillycastro07@gmail.com.

⁶ Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciências Sociais e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: thamirysmartinsvilhena@gmail.com.

⁷ Acadêmica do curso de Licenciatura em Sociologia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. E-mail: vazevedolin@gmail.com

Enviado em: 13/03/2025

Aceito em: 05/04/2025

Publicado em: 18/06/2025

Resumo: O tema deste artigo são aspectos da visão de mundo e imaginário de docentes de sociologia da educação básica. A pesquisa sobre visão de mundo de docentes é importante para compreender quem é socialmente este grupo profissional, e por outro lado para compreender os efeitos que podem ter sobre a sociologia ensinada na educação básica o imaginário e visão de mundo destes docentes. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as representações de professoras e professores de sociologia da educação básica do Amapá sobre temas e realidades sociológicas contemporâneas da sociedade em geral e especialmente de Amazônia, tais como a realidade social da região amazônica no contexto nacional e internacional, o espaço digital e as relações entre tecnologia e sociedade, a crise climática, ecológica e de biodiversidade, e temáticas concernentes a sociologia no espaço escolar, ao currículo de sociologia e ao perfil dos discentes. A metodologia empregada foi a construção e disponibilização de um formulário online para docentes de sociologia da educação básica em atuação nas escolas do estado do Amapá responderem, o qual foi respondido por 14 docentes. Os participantes caracterizam a Amazônia pela falta de políticas públicas eficazes para a região, pouco esforço institucional de preservação ambiental, exploração predatória de recursos naturais, e forte presença de estereótipos sobre a região na cultura nacional. Sobre o espaço digital, os professores reconhecem em primeiro plano seus impactos sobre a saúde mental, os vícios digitais, como em jogos e redes sociais, e a desinformação com seus efeitos nocivos sobre a deliberação política. Entendem que a inteligência artificial pode aprimorar o ensino, otimizar processos pedagógicos e oferecer novas formas de aprendizado, desde que bem usada, e defendem a urgência do letramento digital. Sobre as mudanças climáticas, os professores ressaltam que seus efeitos já são visíveis e devastadores na saúde humana e no ambiente. Sobre a função da sociologia no ensino médio, destacam também sua contribuição original e insubstituível, ao promover conhecimentos sobre desigualdade social, identidade, cultura, poder e justiça, e ampliar a visão de mundo dos estudantes. Não obstante, relatam os obstáculos: políticas públicas ineficazes ou retrogradadas, falta de materiais didáticos e de políticas de formação continuada. Sobre o perfil da juventude contemporânea, entendem que são jovens bastante atentos a tudo que acontece no mundo, porém expressam desinteresse e falta de motivação para estudar, pois tendem a crer que a escola tem pouca importância em suas vidas.

Palavras-chave: Ensino de sociologia. Perfil docente. Representações sociais. Amazônia.

⁸ Professor Permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Amapá – PROFOSOCIO/UNIFAP e Tutor do PET Ciências Sociais/UNIFAP. E-mail: davi_rosendo@live.com.

Abstract: This article seeks to portray aspects of the worldview of basic education sociology teachers. Research into teachers' worldviews is important in order to understand who this professional group is socially, and also to understand the effects that the imaginary and worldview of these teachers can have on the sociology taught in basic education. This research aims to understand the representations of sociology teachers in basic education in Amapá on contemporary sociological issues and realities in society in general and especially in the Amazon, such as the sociological reality of the Amazon region in the national and international context, the digital space and the relationship between technology and society, the climate, ecological and biodiversity crisis, and issues concerning sociology in schools, the sociology curriculum and the profile of students. The methodology employed was the construction and availability of an online form for sociology teachers in basic education working in schools in the state of Amapá to answer, which was answered by 14 teachers. The participants characterize Amazonia by the lack of effective public policies for the region, little institutional effort to preserve the environment, predatory exploitation of natural resources, and the strong presence of stereotypes about the region in national culture. Regarding the digital space, the teachers recognize in the foreground its impacts on mental health, digital addictions, such as to games and social networks, and disinformation with its harmful effects on political deliberation. They understand that artificial intelligence can improve teaching, optimize pedagogical processes and offer new ways of learning, provided it is used well, and they defend the urgency of digital literacy. On climate change, the teachers point out that its effects are already visible and devastating for human health and the environment. Regarding the role of sociology in secondary education, they also highlight its original and irreplaceable contribution, by promoting knowledge about social inequality, identity, culture, power and justice, and broadening students' worldview. However, they report obstacles: ineffective or retrograde public policies, lack of teaching materials and continuing education policies. Regarding the profile of contemporary youth, they understand that they are young people who are very aware of everything that is happening in the world, but they express a lack of interest and motivation to study, as they tend to believe that school is of little importance in their lives

Keywords: Sociology teaching. Teacher profile. Social representations. Amazon.

Introdução

Este artigo busca retratar aspectos da visão de mundo de docentes de sociologia da educação básica. A pesquisa sobre visão de mundo de docentes é importante para compreender quem é socialmente este grupo profissional, e por outro lado para compreender os efeitos que podem ter sobre a sociologia ensinada na educação básica o imaginário e visão de mundo destes docentes.

Assim, por mais que os currículos sejam estabelecidos legalmente, os materiais didáticos oferecidos – ou não – institucionalmente, e as práticas pedagógicas

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

herdadas, ou aprendidas em cursos e desenvolvidas no cotidiano escolar, a subjetividade dos docentes é parte importante do processo de ensino-aprendizagem. Investigar a visão de mundo de docentes através das representações sociais que têm de realidades sociológicas e fenômenos educacionais atuais é estratégia importante para compreender sua subjetividade como grupo social e imaginar os efeitos dessa subjetividade sobre o ensino de sociologia.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as representações de professoras e professores de sociologia da educação básica do Amapá sobre temas e realidades sociológicas contemporâneas da sociedade em geral e especialmente de Amazônia, tais como a realidade sociológica da região amazônica no contexto nacional e internacional, o espaço digital e as relações entre tecnologia e sociedade, a crise climática, ecológica e de biodiversidade, e temáticas concernentes a sociologia no espaço escolar, ao currículo de sociologia e ao perfil dos discentes.

A metodologia empregada foi a construção e disponibilização de um formulário online para docentes de sociologia da educação básica em atuação nas escolas do estado do Amapá responderem. O formulário constitui-se de duas partes: a primeira com perguntas visando caracterizar o perfil dos docentes participantes; a segunda com questões abertas para os participantes responderem dissertativamente sobre a maneira como compreendem os assuntos tratados. O roteiro de entrevistas foi constituído das seguintes perguntas:

- Qual a sua visão sobre a realidade atual da Amazônia e sobre sua posição social no Brasil e no mundo?
- Qual a sua visão sobre a crescente presença do espaço digital em nossas vidas e seu efeito sobre a sociedade?
- Qual a sua opinião sobre a relação entre internet e política?
- Qual a sua visão sobre as possíveis influências da inteligência artificial na sociedade?

- Qual a sua visão sobre as mudanças climáticas no mundo?
- Para você qual a importância de ensinar Sociologia nas escolas?
- Qual sua opinião sobre o lugar da sociologia no novo ensino médio?
- Quais os desafios pedagógicos que o professor de sociologia enfrenta hoje?
- Como você caracterizaria o perfil dos jovens estudantes de hoje?
- Em relação ao currículo de sociologia no ensino médio, qual ou quais conteúdos você considera que são imprescindíveis de serem trabalhados, ou que precisam ser inclusos?

O questionário online foi elaborado após a realização da revisão de literatura, em reuniões de debates entre as coautoras. Foram estabelecidas as dez questões que seriam realizadas. O questionário foi submetido à apreciação crítica de três mestrandas em Sociologia da Universidade Federal do Amapá, como forma de validação. As mestrandas fizeram considerações, críticas e sugestões à estrutura e conteúdo das questões, que foram incorporadas.

Em seguida foi realizada uma pesquisa-piloto, para a qual três docentes da educação básica da rede estadual foram convidados para responder. A pesquisa-piloto demonstrou a viabilidade de aplicação do questionário. Em seguida o questionário foi disponibilizado virtualmente e divulgado em redes sociais.

Foi explicitado no formulário que somente poderiam participar da pesquisa e responder ao questionário professoras e professores de sociologia em atuação em escolas do estado do Amapá no momento da pesquisa. A pesquisa é para professores de sociologia efetivos, contratados, de escolas públicas ou particulares, independente das séries ou da modalidade de ensino.

No total, catorze professores participaram da pesquisa. A escolha do questionário online como técnica de coleta de dados para a realização desta pesquisa foi feita na expectativa de que esta ferramenta poderia alcançar uma quantidade maior

de participantes, e ampliaria o alcance espacial da pesquisa, alcançando professores de diferentes cidades e regiões do estado do Amapá. Supunha-se também que a possibilidade de responder ao questionário no próprio computador ou celular, no horário que fosse mais conveniente, permitiria que os participantes respondessem com liberdade e bastante extensão as questões. Todavia, nenhuma das duas expectativas se materializou: houve menos participantes do que esperávamos, apesar da insistente divulgação em redes sociais e fóruns de docentes; e as respostas não foram extensas como gostaríamos. Outrossim, os dados construídos, em análise prévia pelas autoras foram considerados válidos para atingir os objetivos propostos na pesquisa.

O texto está assim estruturado: no primeiro capítulo, desenvolvemos o referencial teórico, que é baseado na teoria crítica das representações de Henri Lefebvre. O conceito é empregado para compreensão analítica das memórias e concepções de trabalhadores da educação. Para os fins da nossa pesquisa, este conceito será aplicado para compreender a visão de mundo de docentes de sociologia sobre fenômenos e processos sociais contemporâneos, no mundo e especialmente na Amazônia.

No segundo capítulo, realizamos uma revisão de literatura de pesquisas realizadas no Brasil sobre representações de docentes sobre temas sociais e temas escolares. Esta revisão de literatura se divide nas categorias de representações sobre gênero e sexualidade, sobre tecnologia e sociedade, sobre questões ambientais e mudanças climáticas, e sobre questões educacionais em específico.

No terceiro capítulo, realizamos a análise e ordenamento dos dados construídos a partir das entrevistas dadas pelos docentes participantes da pesquisa, reconstruindo suas representações sobre as realidades, processos e fenômenos sociológicos e educacionais destacados na pesquisa.

Referencial Teórico

Para este trabalho, utilizamos o conceito de representação de Henri Lefebvre (1983). Igualmente, nos fundamentamos na pesquisa de Almeida Neto (2010) sobre representações e memória de professores de história da educação básica para construir esta pesquisa. Nesta seção, debatemos um pouco a pesquisa e as conceituações de ambos aplicadas a investigação acadêmica sobre representações docentes.

O artigo “Dimensão Utópica nas Representações sobre o Ensino de História: Memórias de Professores”, escrito por Antônio Simplício de Almeida Neto (2010), doutor em Educação e professor da UFSCAR, tem a finalidade de retratar a “percepção” dos professores de história acerca da dimensão utópica em sua disciplina, ou seja: investigar a visão destes docentes em relação ao desejo de, através do ensino da disciplina História, [re]construir e transformar a Sociedade. Buscando estimular seus alunos a analisarem criticamente a Estrutura Social (modo como a sociedade se organiza, observando a inter-relação entre os indivíduos e, conseqüentemente, seus papéis, direitos e deveres), os professores declaram como um dos objetivos da disciplina impedir que erros do passado se repitam, aspirando à criação de uma sociedade justa, com menos desigualdade social, econômica e política (Almeida Neto, 2010).

Primeiramente, o autor aborda o quadro “*Angelus Novus*”, de Paul Klee, conhecido como “Anjo da História”, ilustrando um personagem de olhar assustado que, observando o passado, é impelido para o futuro sem poder se movimentar, estático; ao mesmo tempo, tem a vontade de “deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos” (Almeida Neto, 2010, p. 220). À vista disso, pode-se entender que o autor faz uma comparação entre o “Anjo da História” e os professores de história. Representados pelo personagem, eles enxergam o passado, conforme os dias passam e eles transmitem conhecimento sobre Revoluções, Movimentos Sociais, Luta de Classes etc. Também cresce o idealismo em torno da ação desses discentes, o anseio que essas

teorias os inspirem a agir sobre determinada injustiça social, impulsionando resistência e luta, resultando em transformação social. No entanto, embora observe o passado e exteriorize assuntos que tiverem grande influência (negativa ou positiva) na estruturação da sociedade, podendo desencadear enfrentamento e mudança da realidade social, o personagem Anjo da História está estático. Por fim, pela dimensão utópica possui um aspecto fantasioso e nuances ilusórias. “Essa crença de que através do ensino de História seria possível regular consciências e comportamentos, aglutinar descontentamentos e decepções, catalisar movimentos de transformação, é [...] apenas e tão somente uma vã ilusão. No entanto, tem mobilizado esforços e paixões” (Almeida Neto, 2010, p.221).

Em seguida, por meio da teoria de Henri Lefebvre, Almeida Neto conceitua representações. Essas estão presentes em todos os momentos da vida, mesmo que imperceptivelmente elas são marcadas no cotidiano, sendo tecidas ao decorrer do tempo. As representações se moldam em uma *visão*, somando o intelectual, que ilustra, e a vivência/experiência concreta, resultando na *concepção* de determinada interpretação. “As representações formam-se da maneira como os grupos são e como se veem, como atuam e como pensam sua atuação, como sofrem e sonham o porvir” (Almeida Neto, 2010, p. 225). Além disso, não podem ser consideradas nem falsas e nem verdadeiras; e ao mesmo tempo, podem ser falsas e verdadeiras. Como estão presentes no âmbito social e individual, pessoas podem ter diferentes representações para uma mesma situação compartilhada: “Lefebvre propõe que aquilo que se representa está presente e ausente na representação, que medeia essas duas ocorrências não excludentes, faces de uma mesma condição de existência mútua” (Almeida Neto, 2010, p. 224). Portanto, entende-se que são construídas por discursos e prática social, elucidando uma maneira de perceber e representar conjunturas marcantes da vida política, social e/ou pessoal (Almeida Neto, 2010).

Ademais, nas páginas seguintes, o autor elencou a metodologia utilizada em seu estudo. Em primeiro plano, dividiu os professores em dois grupos: os que lecionaram

entre os anos 1965 e 1975 (vivenciaram o regime militar como professores); e no segundo grupo, os que lecionaram entre os anos 1985 e 1995 (vivenciaram a ditadura como alunos). Após este processo, o autor realizou entrevistas com os mesmos, coletando relatos orais de suas trajetórias profissionais. É importante ressaltar que: o objetivo da coleta de relatos orais não é encontrar uma *verdade intocável* e sim descobrir a percepção do sujeito sobre determinado acontecimento, quão marcante foi tal experiência em sua vida que, mesmo com o passar dos anos, ainda tem em sua memória raízes profundas que o fazem reviver e *representar* tal vivência através de discursos nostálgicos (Almeida Neto, 2010).

Por conseguinte, houve a exposição dos relatos orais e memórias dos professores de história entrevistados, sendo perceptível a dimensão utópica no ensino da disciplina. Em face do exposto, “o relato não é a experiência, mas o que a memória fez dela, pois implica seleção, (re) interpretação, (re) leitura, (re) avaliação de fatos passados” (Almeida Neto, 2010, p. 226). O relato e a memória não são a situação em si, não há o detalhamento minucioso dos acontecimentos, um ou outro pode ser esquecido. Porém, existe o renascimento do sentimento experimentado, a verbalização de um momento marcante que está sendo revivido, ainda que o tempo tenha passado (Almeida Neto, 2010, p. 227).

Em consideração a isso, o autor conclui que, por parte dos professores, não há apenas uma idealização do futuro, mas também (principalmente) do passado. Com o objetivo de aplicar o que é conhecido como “pedagogia moderna”, os professores incentivam seus alunos a pensarem criticamente e reiteram que a “sociedade ideal” será alcançada por meio do conhecimento científico, através de uma formação humana e questionadora; processos de ensino-aprendizagem que influenciem não um agir negligente quanto aos fatores políticos, mas de luta e combate, visto que a educação tem a finalidade de construir conhecimentos e, ainda, favorecer a emancipação de pensamentos, a percepção de injustiças sociais, econômicas e/ou políticas e o

sentimento de resistência, construir recursos capazes de contornar vulnerabilidades e proteger pessoas marginalizadas.

O autor conclui que os professores de História estão tão enveredados com representações de si mesmos e da própria disciplina que os tornam o personagem do quadro “*Angelus Novus*”, ou seja, detêm – evidentemente - vastos conhecimentos sobre a história humana, todavia permanecem estáticos sem grande capacidade de intervenção nessa mesma história. A intenção de estimular os discentes a tornarem-se críticos é prioridade, porém, o autor conclui que o poder construído de transformação da história é pouco: “há o vazio enorme, o vazio de sentido, que nada vem encher, a não ser a retórica” (Almeida Neto, 2020, p. 236). Desse modo, é de suma importância que essas representações sejam reconsideradas e desfeitas, para que o discurso pós-moderno não se fortaleça em detrimento da busca, verdadeira, por uma sociedade mais justa que não tenha apenas “nuances ilusórias, fantasiosas e irrealizáveis” (Almeida Neto, 2010).

Finalmente, analisando o artigo “Dimensão Utópica nas Representações sobre o Ensino de História: Memórias de Professores”, nota-se que é enriquecedor na transmissão de conhecimento e análise da realidade passada e atual, abordando um assunto pouco visto em trabalhos científicos. Também, o autor traz diversas críticas que, aparentemente, são direcionadas a professores de história – e que podem ser estendidas aos professores de sociologia. O autor conclui com uma pergunta muito pertinente e muito urgente de ser pensada e respondida: “Será que está surgindo entre os discentes, por conta da influência e discurso dos professores de história, ações concretas para alcançar uma dimensão utópica [transformando a sociedade] ou o olhar catatônico e figura imóvel se repetem?” (Almeida Neto, 2010). A responsabilidade de responder a essa pergunta não é apenas dos professores de história, mas de todos os professores de ciências humanas, incluso nós de sociologia.

Revisão de Literatura

Nesta seção sistematizamos uma revisão de literatura de pesquisas sobre representações de docentes da educação básica. Organizamos a revisão em quatro blocos: o primeiro, gênero e sexualidade; o segundo, Temáticas tecnológicas; em seguida, temáticas educacionais da Amazônia; por último, temáticas ambientais.

Sobre o tema de gênero e sexualidade, começamos pela dissertação de Mestrado “Gênero na Educação Física Escolar: As representações das/dos Docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)” apresentada e escrita por Dennys Max dos Santos Conceição (2022), mais precisamente no capítulo 3, intitulado “Análise das Entrevistas Aplicadas aos Docentes de Educação Física do IFAP”, em que o autor descreve as etapas da realização de entrevistas e estudo dos resultados obtidos com as representações dos professores perante as relações de gênero nas aulas de Educação Física, com a finalidade de compreender esse cenário de ensino e a problematização envolvendo as questões de gênero no decorrer das análises (Conceição, 2022).

Primeiramente, com a aplicação de questionários foi possível para o autor montar um perfil referente aos docentes que participaram da pesquisa, com informações sobre faixa etária, anos de formação, carreira no IFAP, e como eles se representam e se relacionam em sociedade. Em seguida, ocorreram entrevistas que buscavam questionar as reais perspectivas desses docentes em relação ao gênero, principalmente como esse tema se comporta dentro das aulas de Educação Física, neste caso, no IFAP (Conceição, 2022).

Consequentemente, no processo da análise qualitativa, vemos como o tema gênero e as suas relações tem um debate complexo e não totalmente construído, sobretudo no âmbito escolar, visto que suas definições, o conceito, e o “por quê?” da discussão sobre as relações de gênero serem necessárias ainda são dúvidas frequentes entre os docentes, agora também, como ela pode afetar as aulas de Educação Física.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

Segundo o discurso dos docentes, o gênero se caracteriza como uma construção social que se opõe a ideia binária do sexo oposto nas interpretações biológicas, entendendo gênero para cultura e sexo para natureza. Esse conceito é marcado pelas diferenças existentes entre os gêneros no sistema binário construído em sociedade, ou seja, o homem e a mulher, e aquilo que é dito adequado para cada um, no caso da Educação Física, põe o homem como mais apto a determinadas atividades/esportes – reproduzindo estereótipos do patriarcado (Conceição, 2022).

Por meio das entrevistas, nota-se que uma das dificuldades em discutir e desenvolver o tema e as questões de gênero dentro das aulas de Educação Física é a matriz curricular que não apresenta a temática, visto que alguns dos professores trabalham o assunto por cima, vezes de forma indireta quando se torna necessário (no caso entre os tópicos de esporte, área fisiológica e a sexualidade), vezes por querer puxar a temática, como nas aulas práticas, onde a quadra é vista como o local mais propício a visualizar a distinção entre as relações de gênero, mas sempre por meios próprios, sem apoio da Instituição. Os professores, em questão, sabem que é seu papel promover o debate e trazer a discussão de forma clara e objetiva para os alunos, pois garante uma formação cidadã e política, mas é conflitante abordar com liberdade sem a integração completa na Instituição, precisando moldar suas metodologias de ensino e desafiar o sistema fechado na margem curricular (Conceição, 2022).

Em síntese, os docentes de Educação Física do IFAP relatam uma formação incompleta para desconstruir um discurso estrutural que ultrapassa gerações, uma representação social que reproduz ensinamentos prejudiciais ao debate de gênero, reduzindo-o ao determinismo biológico, e ainda apresenta uma confusão sobre os conceitos de gênero e as relações da orientação sexual, uma área que requer um amplo debate em suas diferenciações. Portanto, o ideal é incluir na formação docente desafios a essas percepções e integrar uma ideia do tema mais abrangente e crítico, pois a Educação Física, juntamente as demais áreas de conhecimento, tem papel essencial no desenvolvimento e autoconhecimento dos discentes, então não há espaço para

negligências, já que, com elas há uma condenação de um grupo ou indivíduos subjugados de forma intencional ou sutil (Conceição, 2022).

O artigo “Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia” escrito por Elaine de Jesus Souza, Joílson pereira da silva e Claudiene Santos em 2017, abrange um assunto de grande importância social e educacional em um contexto em que a inclusão e o respeito a diversidades são assuntos emergentes, entender como os educadores visualizam e lidam com essas questões é primordial para promover um ambiente educacional mais igualitário e acolhedor (Souza et al., 2017).

Os autores empregaram uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas e questionários aplicados a dez professores de ensino médio e sete do ensino fundamental ambos de escolas públicas no município de Simão Dias em Sergipe. A análise dos dados tem como objetivo revelar como as experiências pessoais e profissionais dos docentes moldam suas opiniões e atitudes em relação à diversidade sexual. Os resultados do estudo revelam desde concepções mais conservadoras até visões progressistas (Souza et al., 2017).

Diante disso, o estudo destaca a necessidade de programas de capacitação continua como projeto de extensão, parcerias com escolas e movimentos LGBTQ+ que abordem a diversidade sexual e a homofobia. Nesse rumo, salienta-se a relevância da abordagem das temáticas diversidade sexual, sexualidade e gênero nas licenciaturas, de modo que os educadores possam desconstruir estereótipos sexistas e representações equivocadas, e, assim, possam adotar modalidades didáticas que permitam acolher a multiplicidade de sujeitos no ambiente escolar, pautando-se nos direitos humanos, na equidade, no reconhecimento e contribuindo para a desconstrução de todas as formas sutis de preconceitos e discriminações. (Souza et al., 2017).

A partir de agora, apresentamos as pesquisas revisadas sobre representações de docentes sobre tecnologia. O artigo “Frankenstein na sala de aula as representações sociais docentes sobre informática”, escrito por Mohamed Chaib (2002), oferece um

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

panorama geral em torno das perspectivas e preocupações do corpo docente ao analisar o uso do objeto informática temendo-o, em razão de ser muitas vezes caracterizado como objeto ideológico de interesses políticos e comerciais. Isto somando às percepções de muitos professores de que a tecnologia é um monstro complexo e imprevisível ou que é uma combinação desarticulada de elementos que podem ou não facilitar o ensino, além de inseguranças e desafios geram uma certa resistência moral e ética. Nesse sentido, configura-se um dilema no que diz respeito a obrigatoriedade do uso pelos docentes de novas tecnologias e a relevância em entender o impacto do fenômeno no cotidiano desses professores. Embora o assunto ainda seja um desafio, para muitos educadores torna-se essencialmente importante evidenciar com clareza as expectativas e a imagem que eles possuem ao descrever o fenômeno, por se tratar do deslocamento das tradições que figuram o universo do educador quanto mantedor do status quo. Além disso, o artigo oferece um estudo profundo com o objetivo de analisar os prováveis conflitos que emergem de concepções que diferem-se ao se tratar de paradigmas pedagógicos tradicionais que marcham rumo a nova sociedade da educação mais globalizada que objetivam a transmissão de valores educacionais culturais, no entanto alimentada pelas expectativas crescentes para que as escolas se adaptem a essas novas tecnologias (Chaib, 2002).

Sendo assim, questões como o uso do computador e a educação como ideologia, a relevância da formalística para o estudo das representações sociais e as imagens da informática entre professores, foram temas relevantes abordados em entrevistas, podendo dessa forma identificar dificuldades e questionamentos que permeiam o universo da educação e tecnologias (Chaib, 2002).

Em suma, ao concluir o estudo quanto a imagem que os professores tinham em relação ao objeto informática o autor categorizou algumas como pessimistas: os docentes que declaram possuir um certo temor e incertezas ao enxergar a informática como algo incontrolável; algumas como otimistas: os docentes que se sentiam seguros e atraídos em relação ao domínio dos recursos tecnológicos em sala de aula; e algumas

como realistas, que afirmam que a informática é uma ferramenta inevitável portanto e cabe aos professores adaptarem-se. Contudo, é inegável que em meio a todo esse processo integração de novas tecnologias haja receios, dúvidas, expectativas; a visão expressa pelos professores entrevistados revelam o arcabouço que envolve o assunto, retratando como sendo a informática o Frankenstein da sala de aula, pois sabemos como e o porquê do surgimento, mas ainda há uma interrogação sobre onde esse universo da informática vai nos levar. Conclui o autor: “apesar de toda propaganda e dos diversos argumentos políticos e ideológicos, nós não tivemos sucesso em entender as atitudes básicas dos professores sobre as novas tecnologias da informação, então uma grande quantidade de recursos humanos e de capital correrá o risco de ser investida em vão” (Chaib, 2002).

A crescente integração da tecnologia no ambiente educacional tem gerado uma série de debates sobre suas implicações e aplicações. O artigo: “A representação social de tecnologias para o trabalho docente na Amazônia”, escrito por Arminda Raquel Botelho Mourão e Tânia Mara de Souza Castro oferece uma análise detalhada com o eixo teórico-metodológico recorrendo a seus mecanismos de formação e estruturação para apreender as construções representativas em torno do assunto tecnológicas como o objeto nas práticas pedagógicas. A vista disso, o Núcleo de tecnologia educacional (NTE- Manaus) engendra dos 62 municípios que compõem o estado do Amazonas a adesão de 32 ao programa de Formação da Seed/E-Proinfo, com o intuito de responder à seguinte questão: ‘qual é a representação social de tecnologia entre os professores (formadores/cursistas) do NTE/Manaus e suas implicações na formação de professores? (Mourão e Castro, 2020).

Sendo assim, foram entrevistados 97 professores cursistas com o auxílio do software Evoc e feita análise documental que teve por base o conteúdo da legislação (portarias, decretos, resoluções, LDBEN, Constituição Federal), que ao reunir todos os dados, identificou-se: a faixa etária, naturalidade, estado civil e a formação que variavam em graduação e pós-graduação. Sobretudo, é importante ressaltar que dentre

as perguntas em relação aos núcleos de todos os entrevistados, nenhum entrevistado fez indicação de ter participado de especialização específica para a incorporação da tecnologia no trabalho docente, sendo que desses 57% já tinham conhecimento das atividades que eram desenvolvidas pelo NTE-MANAUS, no entanto, não tiveram a oportunidade de participar. Contudo, além de expor uma análise detalhada das percepções dos docentes referente à representação tecnológica e às concepções dos professores locais em relação ao uso dessa ferramenta em suas práticas pedagógicas, a pesquisa expõe as dificuldades do estado em relação à desinformação e a falta de parceria entre os municípios. Destaca também os fatores regionais e culturais como impedimento no processo de integração de novas tecnologias, a influência global e a pressão exercida sobre os docentes para o uso desses mecanismos na área da educação que implicam na aceitação de uma real eficácia dessas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem e sugerindo, por fim, caminhos para a sua melhor integração através das implantações de núcleos tecnológicos (Mourão, 2020).

Sobre as representações sobre realidades educacionais da Amazônia, revisamos os seguintes textos: o artigo "Representações sociais sobre o processo formativo de professores do campo e da EJA no Brasil: a realidade na Amazônia Paraense", escrito por Alessandra Sampaio Cunha, Armando Paulo Ferreira Loureiro e Joana Neves, objetiva retratar as percepções e visões sociais sobre a formação de educadores que atuam nas escolas rurais na região amazônica do Pará. O estudo destaca as peculiaridades contextuais e desafios enfrentados nesse caminho educacional, considerando as características culturais, sociais e econômicas da região amazônica (Cunha, Loureiro e Neves, 2021).

Foi empregado um estudo qualitativo, com base em questionário e entrevistas semiestruturadas realizadas com 20 professores que já atuavam como docentes na Educação de Jovens e Adultos nas escolas do campo, selecionados entre um total de quarenta e oito egressos que concluíram o curso no IFPA Campus Bragança, no interior da Amazônia Paraense (Cunha, Loureiro e Neves, 2021).

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

Como conclusão as autoras ressaltam a importância de políticas de formação inicial e contínua como incentivo à pesquisa, inovação pedagógica, formações voltadas para contextos regionais específicos, respeitando as diversidades culturais e sociais locais. Somente assim poderão qualificar os profissionais a enfrentar os obstáculos inerentes à região, promovendo aprendizagem significativa para o campo e Educação de Jovens e Adultos na Amazônia paraense (Cunha, Loureiro e Neves, 2021).

O artigo “Representações sociais de professores sobre o ser e o fazer-se docente na educação de jovens e adultos na Amazônia paraense”, escrito por Joana D’Arc Neves, Raquel Amorim dos Santos e Maria Joseli Pereira e visa examinar as percepções de professores atuantes na educação de jovens e adultos na região amazônica do Pará (Neves, Santos e Pereira, 2019).

Foram entrevistados professores da rede Amazônica Paraense no município de Augusto Corrêa-PA por meio de convites aos professores do EJA do município. Sete professores aceitaram participar da pesquisa e para analisar esses dados foram considerados o campo representacional de acordo com o contexto, sujeito e sentidos (Neves, Santos e Pereira, 2019).

As autoras chegam à conclusão que os professores entendem seu papel como um misto de compromisso social e desafios pessoais. Apesar de enfrentarem condições divergentes e carências de estruturas os professores também se sentem realizados ao colaborar com o crescimento do aluno. Essas representações sociais evidenciam a importância da formação contínua e também do apoio institucional para lidar com as dificuldades regionais. A pesquisa mostra que, mesmo com as adversidades os professores continuam tendo uma visão positiva e vontade de promover mudanças sociais através da educação. Por fim o estudo conclui que é de extrema importância a valorização e o apoio desses profissionais para a melhora da qualidade da educação na região (Neves, Santos e Pereira, 2019).

O artigo “Representações de práticas inclusivas: da realidade vivida aos caminhos da inclusão no ensino superior na Amazônia paraense” foi escrito por Joana

d’Arc de Vasconcelos Neves, Rogério Andrade Maciel e Marcos Vinicius Sousa Oliveira, tem o intuito de apresentar as impressões de coordenadores dos cursos de licenciatura sobre as práticas inclusivas de pessoas com deficiência na universidade (Neves, Santos e Pereira, 2019).

A metodologia usada no artigo foi uma pesquisa de abordagem processual com entrevistas com quatro coordenadores dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, história, matemática e pedagogia na Universidade Federal do Pará Campus Bragança, além de usarem documentos regulatórios sobre a inclusão no ensino superior (Neves, Santos e Pereira, 2019).

Como resultado o artigo mostra que a construção do ensino inclusivo é marcada por conflitos, desafios, contradições e avanço. Os discursos dos coordenadores entrevistados sugerem três eixos que possibilitam as práticas educativas inclusivas no ensino superior. O primeiro é a construção de uma consciência inclusiva que ocorre com as relações do aluno com deficiência e o professor proporcionado reflexões de como fazer mudanças de inclusão. O segundo eixo é a necessidade de uma política de formação continuada: é necessário que o corpo técnico e docente tenha o preparo para fazer as inclusões adequadas para cada pessoa. O último eixo é respectivo ao papel e o trabalho docente na perspectiva da inclusão no ensino superior. O artigo conclui afirmando que o estabelecimento legal de políticas inclusivas já é um avanço significativo, porém ainda há o que ser construído para a universidade se fazer inclusiva no interior da Amazônia paraense (Neves, Santos e Pereira, 2019).

O artigo sobre “As representações sociais do trabalho docente entre os professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino em Manaus”, de Márcia Maria Brandão Elmenoufi, buscou conhecer as representações dos professores e professoras dos anos iniciais e finais da rede municipal de ensino em Manaus sobre como concebiam seus respectivos trabalhos já que os níveis de ensino eram de formações específicas e distintas (Elmenoufi, 2012).

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

A pesquisa foi feita com os professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental da rede municipal, a quantidade de participantes foi de 100 docentes, sendo 50 de cada nível de ensino. Para coleta de dados foi usado um questionário para traçar o perfil desses professores e foi utilizado um teste de livre evocações de palavras (Elmenoufi, 2012).

Com a análise feita através da pesquisa, a autora pôde perceber que os professores nas suas representações reconheciam desvalorização do trabalho exercido por eles, isso devido ao foco maior desses professores tanto dos anos iniciais quanto dos anos finais ser evidentemente a preocupação para com o trabalho pedagógico e o comprometimento com o seu alunado (Elmenoufi, 2012).

O artigo “Educação em Região de Fronteira Amazônica: Representações Sociais do Trabalho Docente na Diversidade Cultural” (Neto et al, 2020), tem o objetivo de verificar como docentes de áreas fronteiriças observam, avaliam e entendem as especificidades de seu trabalho. Para isso, produziu-se uma pesquisa entre os anos de 2015 e 2018, no município de Oiapoque, no Estado do Amapá, com docentes oriundos da cidade de Macapá, professores urbanos, indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Sendo assim, por conta de o município fazer fronteira com a Guiana Francesa e Suriname, há uma significativa diversidade cultural na cidade, situação que, a princípio, pode ser desafiadora para o docente acostumado com a cultura dos centros urbanos (Neto et al, 2020).

O artigo conclui que para muitos docentes, trabalhar nessa área fronteiriça é desafiador. Muitos não se sentem preparados para lecionarem nessas escolas multiculturais. Pela questão da língua e grande diversidade cultural, esses professores têm que criar diversas medidas para que suas aulas sejam produtivas e essa situação torna-se desgastante. Os professores afirmam que sua formação universitária não os preparou para lidarem com essas vivências, considerando que foram pouco trabalhadas ao decorrer da vida acadêmica. Por fim, muitos docentes transparecem preconceitos, em especial às culturas quilombolas e indígenas, chamando-os de

“atrasados”, “pouco evoluídos” e outras expressões semelhantes (Neto et al, 2020, p. 319).

O artigo sobre “Representações sociais de docentes sobre relações étnico-raciais na educação básica da Amazônia”, é uma pesquisa sobre representações sociais de professores da educação básica com as relações étnico-raciais a partir de Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA) e de suas implicações na prática pedagógica na sala de aula (Santos, Neves e Pereira, 2020).

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 20% dos professores que foram selecionados da rede municipal de educação básica do município de Bragança-PA, dentre um universo de 60 professores que fizeram parte das formações propostas pela UFPA (Santos, Neves e Pereira, 2020).

As autoras concluíram que antes da formação dos professores por meio do projeto de extensão, a maioria deles não tinha uma concepção concreta sobre as relações étnico-raciais. Ficou claro as implicações que envolvem o processo de formação inicial e continuada na construção de imagem e significados para um determinado tema (Santos, Neves e Pereira, 2020). A conclusão é que formação continuada e atualização curricular andam de mãos dadas.

O artigo “A Lei n. 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro sobre a Temática Indígena na escola” escrito por Kelly Russo e Mariana Paladino discute a implementação da lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas dos povos indígenas na educação básica, com base na visão e práticas pedagógicas dos professores especificamente da rede pública do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa mostra os desafios em cumprir a referida lei de forma completa, aponta que a temática é abordada por vezes reproduzindo estereótipos e preconceitos, com superficialidade, sem considerar a relevância das diversidades indígenas para o contexto histórico nacional (Russo e Paladino, 2016).

O estudo se deu por meio de três etapas, dentre elas: observação de eventos e aulas em quatro escolas da rede do Rio de Janeiro (três municipais e uma privada);

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

posteriormente houve aplicação de questionários a professores da educação básica, em que abordavam suas visões sobre a lei n. 11.645/2008 e as práticas pedagógicas relativas à temática indígena no espaço escolar; e por fim análise da grade curricular dos cursos de pedagogia e história de cinco universidades públicas do Rio de Janeiro (Russo e Paladino, 2016).

A conclusão é que não existe uma proposta institucional a respeito da abordagem dos conhecimentos e das riquezas indígenas, pois essa iniciativa parte dos professores, quando interessados na temática. Casos em que a instituição eleva a importância do tema e apoia, com orientações e projetos, os docentes para a aplicação da lei são quase inexistentes. A falta de compromisso institucional é fator que limita as práticas dos docentes para desenvolver uma atuação qualificada, uma vez que os resultados da pesquisa demonstram a escassez do material didático, que apresentam conteúdos superficiais e generalizados, sem um aprofundamento no histórico das sociedades dos povos indígenas e o reconhecimento de sua relevância ao longo da história e contemporaneidade brasileira (Russo e Paladino, 2016).

Por meio da pesquisa, nota-se que os professores obtiveram uma formação superior limitada em relação aos temas da história e cultura indígena, se sentem despreparados pela falta de conhecimento da diversidade dos povos e da especificidade de certos grupos. Isto testemunha o quão longe estamos de uma efetiva implementação da lei n. 11.645/2008. Para os professores a lei é um ato positivo, mas não garante a inclusão sem a produção de materiais específicos, e suporte nos cursos primordiais dos professores, com ferramentas didáticas e conhecimento teórico (Russo e Paladino, 2016).

Por fim, apresentamos a revisão sobre representações de temáticas ambientais. O artigo “A Amazônia além das Florestas, dos Rios e das Escolas: Representações Sociais e Problemas Ambientais” (Andrade, 2018) busca retratar a forma como docentes que atuam na rede pública municipal de ensino em Castanhal-Pará observam, compreendem e vivenciam problemáticas ambientais, em especial, na região

amazônica, mas, também, globalmente. Além disso, ressalta os mecanismos que podem ser utilizados para luta e enfrentamento destes problemas, que prejudicam, principalmente, indivíduos em vulnerabilidade socioambiental, situação que favorece o racismo e injustiça ambiental (Andrade, 2018).

Com o avanço do capitalismo sobre a Amazônia, em atividades como a construção da transamazônica, expansão da monocultura e pecuária, a construção de hidrelétricas, entre outros, têm agravado a deterioração da natureza. Com o objetivo de conhecer a visão de docentes no que concerne a essa temática, realizou-se uma pesquisa na qual 121 docentes responderam um questionário *ad hoc*, 13 deles participaram em grupos de discussão e com dois docentes foi feita observação em sala de aula (Andrade, 2018).

Ademais, verificou-se que as representações dos docentes são divididas em 2 conjuntos: o *biofísico* e o *social*. No primeiro, aparecem fatores diretamente relacionados ao espaço, como: desmatamento, poluição da água, lixões, uso indiscriminado do solo, mudanças climáticas etc. No segundo, são fatores ocasionados e/ou estimulados pela injustiça ambiental como: precariedade do serviço público, mortalidade infantil, trabalho escravo, violência doméstica etc. Em face do exposto, segundo representações de muitos docentes, na região amazônica, o desmatamento é o fator mais frequente e prejudicial; já na escala global, o aquecimento global foi o mais apontado (Andrade, 2018, p. 14).

Por fim, foi relatado pelos docentes a negligência estatal, que não volta seu olhar para a criação de políticas públicas e monitoramento/fiscalização das atividades realizadas por megaprojetos, que pregam o “desenvolvimento limpo”, mas são grandes responsáveis pela *invasão, apropriação e violência na Amazônia*. Por fim, como forma de desencadear luta e enfrentamento dessas realidades, os docentes afirmaram que apenas a educação ambiental será capaz de traçar caminhos capazes de extinguir a exploração de recursos naturais que, cada dia mais, estão provocando a depredação da biodiversidade amazônica. Os professores reconhecem a importância da Amazônia

para o mundo e são críticos quanto às consequências irreversíveis que a omissão institucionalizada pode possibilitar e afirmam que os impactos ambientais decorrem, especialmente, dos empreendimentos industriais, minerais e hidrelétricos, que desumanizam pessoas e violam direitos fundamentais, tornando-nos vítimas e prisioneiros dos efeitos da nova era geológica, o antropoceno (Andrade, 2018).

Nesta seção, sistematizamos uma revisão de literatura de pesquisas sobre representações sociais e visão de mundo de professores da educação básica. Na seção seguinte, apresentamos a interpretação das entrevistas realizadas sobre representações de docentes de sociologia da educação básica do estado do Amapá.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Nesse capítulo encontra-se a interpretação das entrevistas dadas pelos participantes da pesquisa no estado do Amapá. A pesquisa foi dividida em quatro blocos com a finalidade de abordar temas como a posição social da região amazônica no contexto global, a crescente presença das tecnologias digitais na sociedade e no ensino, as mudanças climáticas e os desafios do ensino Sociologia. Esses tópicos são fundamentais para entender como os professores de Sociologia do Estado do Amapá percebem e lidam com as complexidades atuais da realidade local, as transformações globais e as demandas educacionais.

Antes, apresentamos um breve perfil dos participantes. Anteriormente às perguntas específicas da entrevista, elaboramos nove questões com o objetivo de caracterizar o perfil dos participantes da pesquisa. A idade dos participantes respondentes da pesquisa varia de 29 a 56 anos. O gênero tem predominância no sexo feminino, com 71% das respostas, e no sexo masculino 29%. A autoidentificação racial dos participantes ficou em sua maioria entre brancos e pardos com 36% cada, 28% autoidentificando-se como negros. Foi levantado o perfil sobre a docência dos professores, começando com os anos de serviço: a maioria dos professores

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

participantes tem entre 1 a 10 anos de serviço como docente, a minoria tem 20 ou mais de experiência. Dentre esse universo, 80% deles trabalham em apenas uma escola e 20% em 2 escolas; 85,7% atuam apenas em escola pública e 14,3% em escola pública e privada; 66,7% desses professores tem vínculo empregatício efetivo e 33,3% tem vínculo de contrato. Por fim os tipos de escola que atuam vão de ensino médio regular, ensino de tempo integral, EJA e ensino fundamental, porém o que predomina com 67% das respostas é o ensino médio regular.

Sobre a interpretação das respostas, o primeiro bloco da pesquisa diz respeito à realidade da Amazônia contemporânea, não só como um espaço geograficamente único, mas também um cenário de desafios sociais, ambientais e econômicos singulares que impactam diretamente a vida de seus habitantes. A maioria dos docentes destacou a marginalização da região no contexto global, considerando a Amazônia como uma área de vasto potencial, mas frequentemente negligenciada.

Nesta questão, pode-se concluir que há praticamente um consenso entre os docentes na caracterização da região: relatam a falta de políticas públicas, a pouca preservação da Amazônia, a exploração extrativista da região, desmatamento e secas, a falta de conhecimento do resto do Brasil não só sobre a Amazônia, mas também sobre os estados do norte do país.

Em termos de realidade atual, sobre o território amazônico e também incluindo a região norte do Brasil, penso haver uma desvalorização, uma posição estabelecida como secundária mediante as demandas do eixo centro sul do país. Em minha visão, a região amazônica sofre desde aspectos sociais, políticos e econômicos, e até mesmo quando se trata de “humor”, que é frequentemente associado a maneiras pejorativas de desenvolvimento, por exemplo, na ideia de que “só tem índio”, e não que isso só ter indígenas seja um problema, mas sim a forma como se trata a situação, assim como o Estado do Acre ser associado a existência de dinossauros, o Amapá sob o estigma do apagão (que é um exemplo clássico de não prioridade para o país), etc. Além disso, por não ter a visibilidade e o cuidado necessário, a região fica fragilizada em termos de saúde e segurança, como nos casos de queimadas e desmatamentos, poluição de rios e assassinatos de nativos, ausência de pavimentação e saneamento básico. Tem-se uma expressiva riqueza natural, diversidade cultural, mas sendo frequentemente tratada como o exótico, como o secundário (entrevistado 1).

É possível concluir que o que a Amazônia vive hoje segundo os entrevistados, é a falta políticas públicas para sua preservação e o fato da Amazônia ser vista apenas como uma região para ser explorada. Outro entrevistado que deixa evidente essas questões é o entrevistado número dois.

A Amazônia vive em um esquecimento e quase abandono no que se refere a políticas públicas. No caso específico do Amapá, nosso isolamento geográfico se traduz em esquecimento, o que dificulta a vida de nossa população em todos os campos da vida social, nossos índices de violência, educação, saúde e tantos outros são sempre negativos. Mesmo em se tratando de uma região riquíssima em recursos sociais, imateriais e biodiversidade, ainda somos vistos por brasileiros e estrangeiros como um outro, estranho. No caso do Amapá, pouco se explora sobre nossas potencialidades humanas, turísticas ou biodiversidade na geração de conhecimentos e riqueza para nossa população (entrevistado 2).

O entrevistado número dois também não fala só sobre a Amazônia, fala também sobre o estado do Amapá e falta de aproveitamento do melhor que a região oferece, seu isolamento geográfico que acaba gerando seu esquecimento para o resto do Brasil, e o fato de os brasileiros verem a região como se fosse um outro ou um estranho.

O segundo bloco refere-se a presença crescente de tecnologias no espaço educacional. As respostas dos docentes testemunham preocupações. As respostas denotam que a facilidade de acesso à informação e serviços trouxe uma dependência que, embora ágil e impulsionadora do crescimento econômico, levanta preocupações sobre o adoecimento mental e prejuízos à sociabilidade dentro e fora das salas de aula. A universalização das plataformas digitais modifica as relações interpessoais, criando um ambiente que pode gerar solidão e isolamento.

Nesse sentido para muitos educadores é importante que haja uma conscientização a forma de letramento digital no uso dessas ferramentas, principalmente em vista do efeito que elas têm no âmbito político. Por tanto, para esses docentes envolvidos nessa pesquisa, é necessário promover uma orientação de uso que priorize o cuidado com a saúde mental, os vícios digitais, evitar a dependência em redes sociais, e a desinformação.

A internet e todas as suas possibilidades acrescentaram bastante em nossas vidas. Em acesso à informação e serviços que antes eram somente presenciais ajudou bastante. Por outro lado, trouxe também dependências de uso, vícios virtuais como jogos e redes sociais e consumos excessivos (entrevistado 1).

Dando continuidade à análise das representações dos docentes. A conectividade, apesar de ampliar o acesso a conteúdo globais e permitir uma maior troca de saberes, também traz à tona desafios relacionados à filtragem e ao controle das informações. Alguns entrevistados frisaram o impacto da internet vai além da sala de aula, sendo um campo onde as disputas políticas e ideológicas se refletem diretamente.

Em um panorama geral, percebe-se que as respostas à pergunta sobre a relação entre internet e política não divergem tanto entre si e são marcadas por entendimento das consequências geradas pela ferramenta. A maioria dos interlocutores relata a existência de uma relação binária, ou seja, pontos positivos e negativos que suscitam da ligação entre as proposições citadas, Internet e Política, afirmando que, se utilizada com consciência e responsabilidade, pode contribuir com a vida pessoal, social e política de seus usuários, do contrário, seria uma “terra sem lei” (entrevistado 1). Identificamos também a preocupação com as “fake news”¹ em 50% das respostas, sendo evidenciado que pode desencadear numerosas implicações, dentre elas: desinformação, crimes, pensamentos de ódio e alienação.

O problema não está na ferramenta e sim no uso inadequado que vem sendo dado a ela. As *fake news* são o maior exemplo no campo político partidário, como temos visto com a manipulação e até mesmo a divulgação a criação de mentiras na tentativa de desacreditar adversários. Mas, vejo o uso consciente e racional da internet como um grande potencializador das consciências individuais e coletivas sobre o como cada cidadão pode e deve se posicionar socialmente (Entrevistado 2)

Algumas respostas realçam os aspectos positivos da internet: “ela pode trazer benefícios para os movimentos de lutas como um espaço de mostrar suas ideias, objetivos, lutas, produtos culturais [...]. Serve como um espaço para dar voz aos grupos que não têm acesso às grandes mídias” (Entrevistado 11). Todavia, a maioria dos

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

docentes descreveu o mundo virtual como espaço de polarização de ideias, capazes de gerar desrespeito e violência, intensificados por desinformação, criadas e compartilhadas intencionalmente ou em razão de uma não checagem em sua veracidade.

Sobre a IA, os entrevistados expressaram que representa tanto um desafio quanto uma oportunidade. Por um lado, há o reconhecimento do potencial transformador da tecnologia, que entre outros é capaz de aprimorar o ensino, otimizar processos pedagógicos e oferecer novas formas de aprendizado. É descrita por eles como uma ferramenta aliada a educação, mas também inquietante.

Em face disso: ao analisarmos as respostas obtidas da pergunta 4, que busca compreender as ideias desses docentes em relação ao avanço e as influências da Inteligência Artificial, nota-se que os professores têm a concepção da IA como uma ferramenta poderosa para as entidades sociais, mas é muito utilizada de forma negativa. Por esse aspecto “Exerce um temor, pela falta de esclarecimento e de recursos de letramento digital” (entrevistado nº4).

Observamos esse ponto de vista dos professores tendo em conta o princípio do letramento digital, que pressupõe que a tecnologia já existe e o ideal agora é que todos possam desenvolver as capacidades de utilizá-las e ter as oportunidades necessárias para se comunicar e aprender no ambiente digital.

Deixamos ainda mais visível essa necessidade de desenvolver esses ensinamentos para que os estudantes e a sociedade como um todo possam usar a tecnologia de forma crítica, como denota a resposta: “penso que a IA traz suporte inteligente para aprendizagem colaborativa, que proporciona experiências imersivas” (entrevistado nº 7).

O terceiro bloco tematiza as mudanças climáticas e seus desafios globais. No contexto educacional, as mudanças climáticas têm se tornado um tema central nas discussões relativas ao futuro da sociedade. Exigem uma reflexão crítica sobre o papel da humanidade na preservação do equilíbrio ecológico do planeta e a necessidade de

ações globais e locais para mitigar seus impactos. A educação tem papel primordial nessa tarefa.

Em uma visão geral das entrevistas, as mudanças climáticas são marcadas pela preocupação com os efeitos já visíveis e devastadores na saúde humana, no meio ambiente e na qualidade de vida global. A maioria destaca as consequências das atividades humanas, como o desmatamento e a exploração de recursos naturais, que agravam a situação. Há uma sensação de urgência e pessimismo quanto ao comprometimento dos países e setores industriais em implementar mudanças significativas para mitigar esses impactos. Os entrevistados reconhecem a necessidade de conscientização, especialmente através da educação, e de uma transformação no sistema socioeconômico para um futuro mais sustentável e equilibrado com a natureza.

O quarto bloco da pesquisa buscou retratar aspectos da sociologia ensinada nas escolas. Num panorama geral, os entrevistados entendem a Sociologia como disciplina que oferece ferramentas essenciais para analisar questões como desigualdade social, identidade, cultura, poder e justiça, capacitando os estudantes a refletir sobre sua própria realidade.

Sobre a importância de ensinar Sociologia nas escolas, os entrevistados relataram que seu ensino é fundamental para desenvolver a consciência crítica dos alunos pois os incentiva a refletir sobre a sociedade, revelando papel essencial da disciplina para fomentar questionamentos sobre temas como cultura, exclusão e participação, provedora de uma educação que envolve a arte da argumentação, do diálogo e a livre expressão.

Ensinar Sociologia torna-se fundamental para a problematização acerca da realidade social, para o questionamento sobre as tentativas de naturalização dos problemas sociais, além de contribuir com análise e reflexões no que diz respeito as perspectivas de futuro, especialmente ao mundo do trabalho.” (entrevistado 1)

Sobre a implementação do Novo Ensino Médio, os professores relatam que surgiram problemas para o ensino de Sociologia. A reorganização curricular limita o tempo dedicado a disciplina, o que implica em uma redução das oportunidades de aprofundamento em temas essenciais. Além disso, relatam que o cenário de desigualdade no acesso à educação e a falta de recursos em muitas escolas, especialmente nas redes públicas, amplificam os desafios que os docentes enfrentam, tornando a tarefa de ensinar Sociologia ainda mais complexa.

Para os entrevistados, com a reforma do ensino médio, sofreu uma desvalorização. Alguns dos docentes veem nisso um risco que pode gerar a extinção da matéria no currículo escolar da educação básica.

A Sociologia no ensino Médio é de fundamental importância, devido a amplitude de temas que são abordados. Porém, ela nunca teve o espaço devido e respeitado por nossos governantes. Entre permissões e proibições, inserção, retirada e desobrigação, a disciplina vem sendo atacada e desqualificada. Professores de diversas áreas podem ministrar o conteúdo, sem qualificação, sem entender das metodologias específicas da área, a banalização de conteúdos, a redução da quantidade de horas aulas, a substituição da disciplina por itinerários que podem conter temas da sociologia... enfim, são muitos os problemas enfrentados por nós profissionais para efetuarmos nossa atividade docente, somos considerados como subversores da ordem. O novo ensino médio, veio mais uma vez nos colocar na baila, descredibilizar os profissionais e relegar esta ciência ao risco de desaparecer mais uma vez do currículo (entrevistado 2).

A questão seguinte trouxe relatos dos docentes que ressaltam os desafios que precisam ser superados e alinhados à realidade atual brasileira que envolve a prática da docência e a eficácia de na elaboração de uma metodologia eficiente que garanta não só a introdução de conteúdos relevantes, mas que evoquem o interesse do corpo discente em detrimento a redução da carga horaria da disciplina.

Os desafios pedagógicos enfrentados pelos professores de Sociologia são amplos e variados, incluindo desde a ausência de materiais didáticos e apoio pedagógico adequado até a falta de valorização e interesse pela disciplina entre os alunos. Há também uma preocupação com a resistência a temas considerados

polêmicos, como política e religião, além da necessidade de adaptação às novas tecnologias e metodologias. O desprestígio da Sociologia frente a outras matérias e o sucateamento estrutural e pedagógico contribuem para um cenário desafiador, que requer dos professores estratégias inovadoras para engajar os estudantes e demonstrar a relevância da disciplina no entendimento da sociedade contemporânea.

A antepenúltima questão é sobre o perfil dos jovens estudantes de hoje. Para os professores, os discentes demonstram desinteresse ou falta de entusiasmo com as aulas por estarem dando mais importância a outras coisas, como em exemplo a internet. Ainda que em seus discursos, muitos professores destacam essa visão negativa, também relataram visões esperançosas sobre os discentes, como no relato: “Um jovem que tem muito a dizer, quando bem-motivado é capaz de criar, de realizar mudanças. Um jovem que tem uma opinião sobre todos os acontecimentos da sociedade. Que precisa de orientação, de aceitação e acolhimento...” (entrevistado nº 11).

Podemos concluir que a visão dos docentes é de que os jovens de hoje são integrados a temas e debates atuais, que contribuiriam em potencial às discussões com os temas propostos pelos professores em sala, mas poucos se sentem atraídos para esses debates pois estão tendendo a acreditar que a escola não tem grande importância para suas vidas.

Nossos jovens descredibilizam a escola como espaço de mudança e de ascensão social via conhecimento. Eles estão incrédulos e desanimados com o mundo atual, e veem na vida digital um meio para criar um mundo paralelo onde eles podem ser que lhes interessa (entrevistado nº 2).

Há uma priorização da energia e atenção dos jovens para ações e relações no mundo digital, os chamados nativos digitais. Os professores em suas representações destacam a relação entre os jovens com os avanços da tecnologia: “Ativos e atentos das mudanças tecnológicas, verdadeiros nativos digitais” (entrevistado nº 7).

A última pergunta do questionário solicitou aos participantes que dissessem quais conteúdos consideram imprescindíveis de serem trabalhados na disciplina de

sociologia. Foi uma questão portanto sobre as representações docentes sobre currículo de sociologia.

Identifica-se a listagem de uma série de conteúdos que na percepção dos professores são de suma importância. entre eles cita-se desde teorias fundamentais, como a diferença entre ciência e senso comum; nascimento da sociologia e seus clássicos da sociologia; gênero e sexualidade, dado que “os jovens precisam entender suas identidades” (entrevistado 5); também “tecnologias digitais, meio ambiente e mudanças climáticas” (entrevistado 8), assim como a “formação cultural da Amazônia” (entrevistado 9). Dessa maneira, há a reafirmação que diversos conteúdos devem permanecer, como os já presentes nas competências e habilidades da BNCC na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e a inclusão de novos, temas atuais e sobre a especificidade regional amazônica.

Os clássicos da Sociologia, a introdução da sociologia, estado, pesquisa social, temas como desigualdade social, democracia, política, movimentos sociais, cultura, Amazônia, mudanças, climáticas, racismo ambiental, tecnologias digitais, trabalho, instituições sociais, direitos humanos, cidadania etc. Através desses temas é possível realizar uma discussão sobre o objetivo, papel da sociologia no ensino médio, para assim terem a compreensão da dinâmica da vida em sociedade, bem como fazer um diálogo com o jovem que frequenta as escolas de nível médio para poderem compreender que fazem parte desta sociedade” (entrevistado 11).

As respostas dos docentes indicam que pensam que os conteúdos trabalhados devem ter finalidade de ampliação cognitiva e igualmente fazer sentido em sua experiência pessoal como sujeito, possibilitando-lhes compreender-se como parte da totalidade da sociedade.

Estes são temas que vão desenvolvendo um raciocínio lógico, social, em que o aluno vai aos poucos se percebendo como parte de uma unidade em que ele é uma peça fundamental, tendo uma função ativa que pode gerar mudança na medida em que ele vai tomando consciência de sua realidade de classe [como sujeito] coletivo e individual ao mesmo tempo (entrevistado 2).

Em um tópico sobre currículo, esteve presente discurso sobre ampliação da carga horária, considerando que, atualmente, o tempo demandado para exploração do conteúdo programático é escasso.

Na verdade era necessário ampliar o tempo de sala de aula para que pudéssemos abranger a multiplicidade de temas que ainda não conseguimos desenvolver de maneira satisfatória em sala de aula. Um currículo mínimo ainda se faz necessário sua reformulação, pois cada escola adota seu currículo de acordo com sua vontade ou com orientação de seus professores (entrevistado 3)

Na visão dos docentes, o currículo além de se referir a conteúdo, deve ser pensado em consonância com a subjetividade e experiência social dos estudantes, e deve dispor de uma materialidade imprescindível o tempo necessário para ser bem trabalhado com os discentes.

Considerações Finais

Apreciar as representações dos docentes de sociologia em diversos contextos é essencial para entender como suas práticas e experiências influenciam o processo ensino-aprendizagem, além de reconhecer a diversidade de desafios e contribuições que os educadores enfrentam em diferentes realidades contribui para uma educação mais inclusiva, crítica e adaptada às necessidades dos alunos e da sociedade.

O trabalho docente começa em sua visão sociológica sobre a região em que atuam. Caracterizam a Amazônia pela falta de políticas públicas eficazes, pouco esforço institucional de preservação ambiental da região, exploração predatória de recursos naturais, e forte presença de estereótipos sobre a região na cultura nacional; características que afetam a escola como política pública e o trabalho docente em sala de aula e que precisam ser trabalhadas no espaço escolar.

Sobre o espaço digital, os professores reconhecem em primeiro plano seus impactos sobre a saúde mental, os vícios digitais, como em jogos e redes sociais, e a desinformação com seus efeitos nocivos sobre a deliberação política. Entendem que a

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

inteligência artificial pode aprimorar o ensino, otimizar processos pedagógicos e oferecer novas formas de aprendizado, desde que bem usada. A urgência do letramento digital e a contribuição da sociologia para este letramento são retratadas nas respostas.

Sobre as mudanças climáticas, os professores ressaltam que seus efeitos já são visíveis e devastadores na saúde humana e no ambiente. Sobre a função da sociologia no ensino médio, destacam também sua contribuição original e insubstituível, ao promover conhecimentos sobre desigualdade social, identidade, cultura, poder e justiça, e ampliar a visão de mundo dos estudantes.

Todavia, os desafios são reais, diversos e não podem ser ignorados. A começar pelas próprias políticas educacionais, frequentemente retrogradadas, como a reforma do ensino médio, que implicou desvalorização da disciplina e porventura seu risco de extinção; e pelas aparentemente eternas ausências de materiais didáticos, de apoio pedagógico, e de capacitação para adaptação às novas tecnologias; dificuldades específicas são introduzidas na sala de aula pela polarização política atual, provocando resistência dos discentes em debater seriamente temas específicos, como política, religião e igualdade de gênero.

Sobre o perfil da juventude contemporânea, os participantes da pesquisa entendem que são jovens bastante atentos a tudo que acontece no mundo, porém expressam desinteresse e falta de motivação para estudar, pois tendem a crer que a escola tem pouca importância em suas vidas.

Em conclusão, a interpretação das representações dos docentes de Sociologia no Amapá revela uma percepção crítica e reflexiva sobre o papel da educação na formação dos jovens diante dos desafios contemporâneos. Os professores destacam a importância de abordar temas como as desigualdades sociais, a sustentabilidade, as mudanças climáticas e a crescente influência das tecnologias no ensino e na política. Eles reconhecem a necessidade de atualizar o currículo de Sociologia para integrar as questões emergentes, como a inteligência artificial e os impactos da digitalização, ao

mesmo tempo em que defendem a manutenção de uma base sólida nas teorias sociológicas clássicas e contemporâneas.

Portanto, descortinar mediante as respostas dos docentes que os desafios são significativos e merecem uma real atenção e que exige um esforço ainda maior desses profissionais mediante as limitações de políticas públicas regressivas como o Novo Ensino Médio no que diz respeito a diminuição da carga horária, a implementação de novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, o perfil dos estudantes, são questões que incitam um debate aprofundado diante de uma realidade preocupante no Brasil e ainda mais relevante no Amapá, uma região com especificidades culturais, ambientais e sociais que exigem uma abordagem crítica e adaptada às necessidades dos alunos e à realidade da Amazônia, em que nem todos têm acesso a essas novas ferramentas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Antônio Simplício de. Dimensão Utópica nas Representações sobre o Ensino de História: Memórias de Professores. Educação & Sociedade. Campinas, v. 31, n. 110, p. (219 – 239), 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 de agosto de 2024.

CONCEIÇÃO, Dennys Max dos Santos. Gênero na Educação Física Escolar: As Representações das/dos Docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá: 2022, p. (39-56).

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues de. A Amazônia além das Florestas, dos Rios e das Escolas: Representações Sociais e Problemas Ambientais. Ambiente e Sociedade. São Paulo, v. 21, p. (1 – 20), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0250r1vu18L3AO>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

CHAIB, Mohamed. FRANKENSTEIN NA SALA DE AULA AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOCENTES SOBRE informática. NUANCES: estudo sobre educação, n 8, p. (47-64), 2002.

CUNHA, A. S.; LOUREIRO, A. P. F.; NEVES, J. V. Representações sociais sobre o processo formativo de professores do campo e da EJA no Brasil: a realidade na Amazônia Paraense. Rev. Bras. Educ. Camp., Tocantinópolis, V. 6, e11819, 2021.

DE VASCONCELOS NEVES, J. D'ARC; ANDRADE MACIEL, R.; SOUSA OLIVEIRA, M. V. Representações de práticas inclusivas: da realidade vivida aos caminhos da inclusão no ensino superior na Amazônia paraense. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 100, n. 255, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/198>

ELMENOUI, Márcia Maria Brandão. “As representações sociais do trabalho docente entre os professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino em Manaus: uma análise comparativa entre os professores dos anos iniciais e nos anos finais” (2012). Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

LEFEBVRE, H. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MOURÃO, Arminda Rachel Botelho; CASTRO, Tânia Mara de Souza. A Representação Social de Tecnologia para o Trabalho Docente na Amazônia. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 46, p. (1 – 20), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/yWvB3rpZvS6HxnBcjFw7y4K/?format=pdf&lang=pt>

NETO, Carlos Rodrigues de Moraes; CASTRO, Monica Rabello de; SOARES, Rosy Anne Miranda; FRANT, Janete Bolite. Educação em Região de Fronteira Amazônica: Representações Sociais do Trabalho Docente na Diversidade Cultural. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 17, n. 58, p. (299 – 324), 2020. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7868/47966780>. Acesso em: 21 de agosto de 2024.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

- NEVES, Joana D'Arc; SANTOS, Raquel Amorim dos; PEREIRA, Maria Joseli. Representações sociais de professores sobre o ser e o fazer-se docente na educação de jovens e adultos na Amazônia paraense. *Revista Cocar*, v. 22, n. 2, p. 51-64, 2019.
- RUSO, Kelly; PALADINO, Mariana. A Lei n. 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro sobre a temática indígena na escola. *Revista Brasileira de Educação* (online), v. 21, n. 67, p. (897-921), 2016.
- SANTOS, Raquel Amorim; NEVES, Joana d`Darc de Vasconcelos; PEREIRA, Morgana da Silva. Representações sociais de docentes sobre relações étnico-raciais na Educação Básica na Amazônia. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 217–236, 2020.
- SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joílson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 25, n. 2, p. (519 - 544), 2017.